

SINGULARIDADES INQUIETANTES: QUANDO A RUA É UM LUGAR DE ENCONTRO DE AFETOS

DISQUIETING SINGULARITIES: WHEN THE STREET IS A MEETING PLACE OF AFFECTION

Camila Holanda Marinho

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza (FAMETRO).

RESUMO

Essa pesquisa busca compreender como são constituídas as narrativas amorosas de jovens com experiência de moradia de rua, considerando que a rua é um palco das performances de culturas juvenis, assim como um lugar de encontros de afetos. Portanto, os discursos amorosos desse grupo são reveladores de suas trajetórias de vida. Do mesmo modo, sinalizam signos de vínculos à rua, considerando que esses jovens são constantemente atravessados por experiências de vinculações emotivas, quer seja com pessoas ou com lugares, em seus trajetos cotidianos. Proponho uma reflexão sobre os afetos de rua através de expressões narrativas, performáticas e gestuais produzidas por essa cultura juvenil. Através da observação participante, inseri-me em campo, constituído por uma metodologia de análise fundamentada na ideia de uma “narrativa das narrativas”, portanto, privilegiando os relatos dos jovens e da pesquisadora sobre a polifonia de um campo de pesquisa.

Palavras-chave: Culturas juvenis. Afetividades. Experiência. Nomadismo.

ABSTRACT

This research seeks to understand how love narratives are constituted by young people with experience of housing street, considering the street as a stage for performances of youth cultures, as well as a meeting place of affection. Therefore, the love discourses in this group are revealing their life trajectories. Similarly, it indicates signs of ties towards the street, considering that these young people are constantly traversed by the experiences of emotional ties, whether with people or places, in their daily paths. I propose a reflection about the street affections through the narrative, performative and gestural expressions produced by the youth culture. Through participant observation, I entered the field, which was composed of an analysis methodology based on the idea of a “narrative of narratives”, thus emphasizing the young and the researcher stories about the polyphony on a search field.

Keywords: Youth cultures. Affectivity. Experience. Nomadism.

1 TECENDO FIOS ANALÍTICOS SOBRE AS CULTURAS JUVENIS DA CONTEMPORANEIDADE

Da janela de minha casa eu vejo um pedaço do centro da cidade de Fortaleza. Alguns prédios, praças, igrejas e ruas que identifico fazem com que eu recorde das pessoas que me emprestaram suas histórias e suas vidas durante o tempo de realização dessa pesquisa de campo desenvolvida para a minha tese de doutorado. O centro da cidade é um dos lugares que costumo frequentar no meu roteiro cotidiano. Ao desenvolver uma pesquisa sobre a vida dos jovens moradores de rua, passei a atribuir um novo significado afetivo aos espaços que circulei e ainda circulo nessa região da cidade. De longe, não é possível observar as tramas, as redes e os sentidos que cada um desses lugares possui, pois cada indivíduo as constitui de acordo com as sua experiência de vida. Somente “de perto e de dentro”, como orienta Magnani (2002), identificando, descrevendo e percorrendo os meandros da metrópole para observar as relações dos que circulam com os espaços urbanos, é que os lugares e as pessoas passam a revelar expressões dos bastidores da cidade que muitos não conhecem.

Os moradores de rua transitam por esses lugares criando roteiros singulares que são imperceptíveis para aqueles que se limitam a observá-los à distância. Em Fortaleza, muitos vivem no centro da cidade, espalhando seus poucos pertences nos bancos das praças, estacionando desejos de viver em outros lugares, sendo rechaçados pelos transeuntes atrasados e amedrontados. Outros estão esmolando e mendigando nas margens de avenidas movimentadas que ligam a cidade de um lado ao outro. Alguns mais ousados ficam pelos arredores da Avenida Beira-Mar buscando a piedade dos que rezam, os restos de comida dos que frequentam *fast foods*, a rica moeda estrangeira como esmola, sempre sob a vigilância do policiamento que, em muitos casos, age para controlar a estética do cartão postal da cidade. Os moradores de rua são personagens da cidade, mas protagonizam as cenas de desigualdade

de e exclusão social, que são corriqueiras e já se tornaram banalizadas para muitos que não conseguem enxergá-los ou preferem excluí-los de seus olhares sobre a cidade.

Segundo os dados das instituições de atendimento de crianças e jovens moradores de rua de Fortaleza¹, eles começam a viver nas ruas no final da infância (em torno dos 10 anos de idade) e, na maior parte dos casos, por causa de algum tipo de conflito familiar ou comunitário. Não se pode afirmar que foi na rua a primeira experiência com as drogas e com as práticas sexuais. Um número expressivo sofreu algum tipo de abuso sexual por parte de alguma pessoa que compunha seu ciclo de confiança e convivência. Encontram-se esporadicamente com suas famílias, a figura masculina geralmente é representada pelo padrasto, com o qual grande parte possui algum tipo de conflito. Recorrem a artifícios legais (políticas de atendimento) e ilegais (atitudes criminosas) como uma estratégia de sobrevivência. Vinculam-se a grupos de moradores de rua, criam laços de afetividades com as pessoas com as quais convivem e, atualmente, não possuem um lugar de concentração fixo. Eles estão perambulando pela cidade durante o dia em diferentes lugares de grande movimentação de pessoas. À noite, alguns jovens costumam, em grupo, alugar quartos nas comunidades pobres localizadas no centro da cidade para dormirem, outros se encostam em bancos e calçadas ou deixam seus corpos esmorecidos caírem em qualquer lugar. Muitos são consumidores de crack, que foi substituído pela cola e pelo solvente – quase não se sabe do uso dessas substâncias, atualmente, na cidade – e utilizam a droga de forma isolada, escondida e em grande quantidade. Alguns jovens com experiência de moradia de rua já tiveram filhos e essas crianças encontram-se em abrigos ou na casa de seus familiares

¹ Dados obtidos através de documentos e narrativas das instituições que compõem a Equipe Interinstitucional de Abordagem de Rua de Fortaleza. Considero-os fragilidades metodológicas nos levantamentos realizados pelas instituições de atendimento, assim, prefiro me ater aos dados coletados nos documentos de atendimento e nas narrativas dos profissionais.

Indivíduos com experiência de vida nas ruas representam uma ruptura, uma contestação, um desencantamento de algo rumo à produção de novas formas de viver, por serem autores e protagonistas de suas próprias histórias. São corpos que não se acomodaram com a fixidez ou com significados preestabelecidos e, assim, fazem da rua os lugares de suas moradas. Para Martins (2000), a modernidade produz indivíduos fragmentados, mas obstinados a mudar suas trajetórias de vida, que lutam para viver, ao mesmo tempo em que não deixam que esse viver lhes escape ou se apresente como algo absurdo ou destituído de algum sentido. Assim, criam novas formas de vida na tentativa de reencontrarem sentidos ou reinventá-los. O autor ainda assinala que os indivíduos envolvidos em “privação repentinas de significados” criam significados substitutivos e reestabelecem as relações sociais interrompidas ou ameaçadas de ruptura. Portanto,

[...] os significados são reinventados continuamente em vez de serem continuamente copiados. As situações de anomia e desordem são resolvidas pelo próprio homem comum justamente porque ele dispõe de um meio para interpretar situações (e ações) sem sentido, podendo, em questão de segundos, remendar as fraturas da situação sociais. (MARTINS, 2000, p. 61):

De todo modo, os indivíduos estão em constante movimento, em processos de reinvenção de seus cotidianos e de suas subjetividades. O homem moderno, para Sennett (2008), é um ser humano móvel. Como o “desejo de livre locomoção triunfou sobre os clamores sensoriais do espaço através do qual o corpo se move” (SENNETT, 2008, p. 262), o indivíduo moderno desloca-se em uma cidade com o movimento acelerado de pessoas, cheia de espaços neutros, de passagens e de riscos. As reflexões do autor sobre a vida na cidade faz analogias às descobertas científicas sobre o sistema circulatório, construindo formulações sobre as relações estabelecidas entre o corpo e a livre locomoção na cidade. Mas a locomoção, o deslocamento livre, tem sido tratada como um dos grandes desafios urbanos das cidades brasileiras, devido a sensação de ris-

co, do medo, portanto, da violência urbana. Os moradores de rua compõem o grupo daqueles que “amedrontam” e criam resistências à circulação, na cidade, de outros indivíduos. Suas trajetórias de vida nas ruas são mediadas por situações nas quais o legal e o ilegal, a dignidade e a marginalidade, o real e o imaginário, o amor e o ódio, a solidariedade e a individualidade, são sentimentos que se confundem e se entrecruzam cotidianamente.

2 OS ROTEIROS E OS NARRADORES DE UMA CIDADE INVISÍVEL

Apesar de representarem um número significativo de corpos na cidade, muitas vezes difícil de ser quantificado por causa de sua característica nômade, o grupo de moradores de rua não se constitui de forma homogênea. Diferenças são percebidas, especialmente em relação às faixas etárias e ao gênero, ao tempo e ao lugar em que vivem nas ruas, aos meios de sobrevivências, aos motivos que os levaram a viver nas ruas, aos vínculos familiares e comunitários e as percepções que esses indivíduos possuem sobre si. Para Tosta (2000), o importante é destacar que a condição de morador de rua pode corresponder a um momento processual e não um estado definitivo. Especialmente no caso dos indivíduos mais jovens, pois o trânsito entre a casa, a rua e as instituições de atendimento (os abrigos) acontece constantemente em suas trajetórias na rua, tendo em vista que a maior parte das crianças e jovens que circulam pelas ruas da cidade possui algum tipo de vínculo ou referência familiar.

Os moradores de rua, ao transitarem pela cidade, estabelecem encontros, trocas e sociabilidades de diversos sentidos. Eles produzem “pedaços”, como designa Magnani (2002), espaços intermediários entre o público e o privado que evoca laços de pertencimento e estabelecimentos de fronteiras, onde os indivíduos se reconhecem como portadores dos mesmos símbolos e onde acontecem as formas de interação com aqueles indivíduos reconhecidos como portadores dos mesmos símbolos, orientações, valores, hábitos (de consumo ou

não) e estilos de vida. Esses são os lugares de encontro com seus pares, que passam a ser percebidos, conforme designado por Magnani (2002), como colegas e “chegados”². Os indivíduos produzem seus “trajetos” pela cidade, ou seja, estabelecem fluxos recorrentes nos espaços, impondo a necessidade de deslocamento por regiões distantes e não contínuas, tornando o pedaço lugares abertos e permeáveis, abrindo-o para dimensões públicas. No rastro da percepção de Magnani sobre a sociabilidade e suas formas de uso dos espaços na cidade, é possível perceber os “circuitos” constituídos pelos moradores de rua. O circuito é “uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de um determinado serviço” (MAGNANI, 2002, p. 23). Para viver e sobreviver nas ruas, é necessário ter conhecimentos sobre equipamentos, instituições e estabelecimentos que oferecem algum tipo de atendimento ou que suprem uma necessidade ou desejo.

Portanto, viver nas ruas pressupõe um saber que não é constituído apenas pelos usos dos espaços, mas pelos diversos sentidos que os usos receberão das diversas pessoas que os frequentam. Nos relatos sobre a vida nas ruas que ouvi dos jovens interlocutores dessa pesquisa, as identificações dos lugares se davam pelos usos, especialmente dos lugares designados para a dormida no centro da cidade, que não se configuravam como lugares móveis, diferente das práticas de dormida na Avenida Beira-Mar³, que variam de acordo com as possibilidades do momento. Os jovens estabe-

leciam esses lugares e se fixavam neles por longos períodos. A mobilidade costuma se dar por algum conflito ocorrido com outro integrante do grupo ou por causa de alguma ameaça sofrida, podendo o ameaçador encontrá-lo com facilidade nesse lugar pré-definido. Se para outros transeuntes da cidade um prédio no centro de Fortaleza significa um banco ou um estabelecimento comercial, para os moradores de rua esses prédios são identificados como os lugares da dormida. Do mesmo modo que eles se identificam, também, a partir desses lugares. Outros indivíduos se identificam a partir dos lugares que se fixam durante o dia e não durante à noite, como, por exemplo, aqueles que se dizem “da Praça do BNB”⁴ ou um outro grupo intitulado “os que dormem na Rabelo”⁵. Mas temos que considerar que essas identidades e identificação são efêmeras e dependem de circunstâncias propícias de ocupação.

Algumas das principais motivações que provocam os deslocamentos dos moradores de rua dos lugares onde estabelecem uma fixação mais duradoura são as práticas e as situações de violência. Esses acontecimentos estão relacionados com a repressão policial, com conflitos e desentendimentos no interior dos grupos ou ameaças de agentes externos ou inimigos que podem saber onde encontrá-los. O cenário no qual estão inseridos é marcado por uma diversidade de manifestações de violência praticada por eles ou contra eles. Desamparados pelos serviços públicos de atendimento, especialmente de saúde, educação, habitação e segurança pública, os casos de conflitos são geralmente resolvidos por e entre eles, portanto, existem poucas estatísticas que apontem seus envolvimento em situações de violência, seja como autores ou vítimas dessas situações. Geralmente usam-se “armas brancas”, como facas,

² No caso da população de rua, as informações sobre os “chegados” que também vivem nas ruas são muitas vezes restritas às histórias e experiências vividas nas ruas. Em alguns casos, o passado é omitido ou desconsiderado. Mas, vivendo nas ruas, é possível saber quem são os chegados, de onde eles vêm, do que gostam ou não gostam e o que se pode ou não fazer, características essas esboçadas na conceituação de Magnani (2002) sobre os “chegados”.

³ Na Avenida Beira-Mar, os trajetos e usos dos espaços estão associados as orientações ou a repressão dos agentes institucionais do Estado, como os policiais, guardas e educadores sociais, que os permitem ou não ficarem em determinados lugares. Portanto, poucos definem um lugar mais estável para dormir.

⁴ Prédio no centro da cidade que já foi sede do Banco do Nordeste Brasileiro (BNB), mas que atualmente sedia a Justiça Federal, sendo um lugar que não se desvinculou de sua antiga instituição para o imaginário da população.

⁵ Loja comercial de eletrodomésticos e eletroeletrônicos que possui uma “calçada boa para se dormir”, conforme alegam os jovens que vivem nas ruas.

cados de vidros, garrafas quebradas, pedras, entre outras. Portanto, a rua é compreendida por sua multiplicidade de usos e significados e, no caso dos moradores de rua, uma dentre tantas classificações é a de que a rua se reproduz em cenários de violência. Em seus relatos, ela é o lugar que simboliza a liberdade, ao mesmo tempo em que, também, é compreendida por eles como um lugar perigoso de viver.

As formas de violência na rua possuem múltiplos formatos. São expressas pelos fenômenos de exclusão e desigualdade social, que fazem com que os indivíduos se encontrem em situações de miséria e extrema pobreza, tornando-se despossuídos de qualquer bem de consumo e sobrevivência. Estão associadas a práticas criminosas protagonizadas por eles, como também através de situações de violência que os colocam como vítimas de agressões, maus tratos, atitudes de repugnância e, conforme a mídia tem noticiado recentemente, os moradores de rua estão sujeitos a serem assassinados por aqueles que consideram suas vidas desnecessárias e ameaçadoras⁶. Muitos também possuem formas de interação violentas entre eles e direcionadas às outras pessoas que circulam pela cidade. Mas é importante ressaltar que as práticas de violência e os comportamentos violentos não devem ser associados, de forma generalizada, a todos os indivíduos que moram nas ruas. A violência é uma das representações que compõem o universo da rua, mas que não a define.

No caso dos jovens moradores de rua, representações de condutas perigosas e imorais também são associadas a eles. De modo geral, a sociedade costumeiramente atribui aos jovens o lugar de produtores de violência, com destaque aos seus envolvimento em situações

criminosas, em conflitos entre grupos rivais, nos embates violentos de torcidas organizadas de futebol e com o tráfico de drogas. Quando em trânsito pelas ruas das cidades, os jovens também produzem sentimentos de medo e repugnância por parte de muitos indivíduos. Em algumas situações, especialmente no caso das crianças, é possível perceber sentimentos de compaixão. Mas o medo e a desconfiança se destacam e são simbolizados pelos vidros dos carros, que são fechados quando eles se aproximam, pelos transeuntes que atravessam a rua para que eles não cruzem seus caminhos, pelas bolsas colocadas mais próximas ao corpo para que não sejam puxadas e roubadas. Sendo assim, esses indivíduos exacerbam os sentimentos de medo e insegurança de grande parte da população que costumeiramente os rechaça e preferiria não vê-los perambulando pelas ruas da cidade.

O medo é um sentimento que se encontra relacionado à preservação da vida e se tornou, nos dias de hoje, uma sensação relacionada à vida na cidade, assim como um sentimento global de insegurança que ronda a vida cotidiana em diversas cidades do mundo. Para Jean Delumeau (2002, p. 19) o medo “é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável”. Tanto individual como coletivamente, o medo pode também tornar-se patológico, “criar bloqueios” e “com efeito, tornar-se causa da involução dos indivíduos” (p. 19). Dessa forma, cria-se uma cultura do medo e sua personificação acontece através de indivíduos e grupos sociais ameaçadores ou com práticas que se imagina que façam parte de suas performances cotidianas. Dentre esse grupo de indivíduos, estão situados não só os criminosos envolvidos em quadrilhas, máfias e organizações, mas podemos perceber que os jovens, pobres e moradores de regiões vulneráveis, com altos índices de violência, também se enquadram nessa construção coletiva de grupos ameaçadores e perigosos. Estejam eles envolvidos em organização criminosas ou não.

Os jovens, como assinala Abramo (1994), muitas vezes percebidos pelo senso comum como produtores das grandes crises sociais da

⁶ Ver casos ocorridos especialmente no Distrito Federal sobre o assassinato do índio Gaudino, que foi confundido como um morador de rua no ano de 1997 e, mais recentemente, no ano de 2012, dois casos de assassinato de moradores de rua na cidade satélite de Santa Maria. No caso do assassinato de crianças e jovens moradores de rua, a chamada “Chacina da Candelária”, ou o assassinato de seis meninos menores de idade e dois maiores enquanto dormiam, realizado por policiais militares no ano de 1993 no Rio de Janeiro, repercutiu mundialmente.

modernidade, são muitas vezes reconhecidos como corpos ameaçadores das normas e etiquetas sociais. Em circunstâncias de pobreza e desigualdade, associações à noção de periculosidade são comuns e intensificadas. Ao vagarem pelas ruas em roupas maltrapilhas e sujas, com os pés descalços, sob o efeito alucinado do crack, mendigando ou pedindo ajuda, os jovens moradores de rua representam aqueles cuja eliminação de corpos e vida poderia até mesmo acontecer sem que fosse percebida, como acontece em diversos casos. Para muitas pessoas, eles não são os “verdadeiros poetas da cidade” (AMADO, 2008) nem “as almas encantadoras das ruas” (RIO, 2008), mas sim os corpos que produzem e exacerbam o pavor e a insegurança despertados em muitas pessoas que caminham pelas ruas da cidade.

3 AFETOS DE RUA

A vida na rua é entrelaçada por fios condutores de uma rede social tecida, entre outros, por relações de afetividade, solidariedade e consideração que possibilitam um maior tempo de vivência e sobrevivência na rua. Nesse sentido, o conceito de rede⁷ sugere ainda a idéia de fluxo, de movimento em torno de uma força central atraente e propulsora. Pais (2012) ressalta que o uso do conceito de “redes sociais” é mais conveniente do que o conceito de “comunidade” no que diz respeito aos “círculos dos afetos juvenis”, pois, para o autor, comunidade implica uma estabilidade e um sentimento de pertença que contrastam com as noções de contingência das relações cotidianas vividas e produzidas pelas culturas juvenis. Os jovens sentem necessidades de vinculações pessoais com um sustento emotivo que lhes permita desenvolver um sentimento de confiança. Nesse sentido, segundo o autor, as experiências amorosas têm sido consideradas relevantes nas redes sociais nas quais os jovens se envolvem.

7 O uso do conceito de rede utilizado nesse estudo segue a tradição da Antropologia Social, em especial a partir da discussão sobre parentesco de Claude Lévi-Strauss e de Radcliffe-Brown.

Um dos signos identitários de compreensão dos moradores de rua é a sua característica nômade. Esses indivíduos vagueiam pela cidade, pelos lugares, por grupos, por tempos, por sentimentos, por etiquetas. Para Deleuze e Guattari (1997), o nomadismo, antes de um simples movimento, é uma verdadeira “máquina de guerra” subversiva, irreduzível e contrária ao aparelho do estado. Os fluxos e as intensidades desejanças são dispositivos que deixam acontecer os processos relacionados a subjetividade, ordenando-a e desordenando-a, criando, assim, o novo, de acordo com as possibilidades de cada corpo e na potencialização da vida. Esse processo representa a própria potência nômade, ou seja, a capacidade de reterritorialização e desterritorialização. Portanto, indivíduos com experiência de vida nas ruas alardeiam formas diferentes de recriação da vida. Transfiguram um viver marcado por formas de violência e exclusão, tecendo redes de sociabilidades afetivas e, assim, criando laços suportáveis de sobrevivência. Eles habitam as ruas de outras formas, criam roteiros inimagináveis, convertem a estética e a ética dos lugares. Nomadizam, transgridem e inovam, redefinindo em seus trajetos o estabelecido, e fazendo dessa forma, da rua a sua casa. Para Deleuze e Guattari (1997), o nomadismo caracteriza-se por um entre, por um meio que escapa à forma fixadora de conceber o espaço que é o apanágio do sedentário, portanto, o espaço é constituído de percursos.

Assim como o nomadismo se configura como um signo identitário das trajetórias de indivíduos que vivem nas ruas, o conceito de experiência é importante para a compreensão desse modo de vida. Portanto, reporto-me ao conceito de “experiência” no sentido que Scott (1999) definiu, entendendo-o como “um evento lingüístico”, tanto coletivo quanto individual, dotado de significações mutáveis, com o fim de constituir, por meio da linguagem, o sujeito discursivamente. Ou seja, o sujeito não é uma instância que “possui” a experiência, mas é constituído pela experiência. Os jovens moradores de rua fazem da rua o local referência de suas trajetórias de vida. Eles são parte da rua e a rua é parte deles. Lembro-me do discurso

de um dos jovens que conheci no curso dessa pesquisa: “Eu posso até sair da rua, mas a rua nunca vai sair de mim”. Sua narrativa desvenda sua experiência, seu corpo revela sua trajetória, seu discurso evidencia o lugar de construção de sua identidade e do sentimento de pertença. As experiências do movimento nômade, imbricadas por tantos acontecimentos, produzem as “singularidades inquietantes” que compõem as trajetórias na rua de cada indivíduo. Scott (1999), quando chama a atenção para o fato de que os sujeitos são constituídos discursivamente, ressalta que podem existir contradições ou múltiplos significados adotados nos conceitos que pronunciam. O discurso é compartilhado e a experiência é tanto individual como coletiva. Afinal, como afirma a autora, a experiência é a história do sujeito.

Para Walter Benjamin (1975), experiência e memória se articulam no mesmo plano das condições individuais e coletivas, e sua transmissão se dá pela narração. Portanto, o autor compreende que a experiência é uma vivência, algo que o sujeito passou, atravessou, algo que aconteceu e que não será nada se não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhada com grupo no qual o sujeito está inserido. Para Benjamin, é o compartilhar que transforma a vivência em experiência. Mas o autor destaca que, no mundo moderno, onde a sociedade é constituída sob o signo da informação, nunca se passaram tantas coisas e, por isso, a experiência se torna cada vez mais rara. Para o autor, deve-se separar a experiência da informação, pois o sujeito moderno sabe muitas coisas, passa muito tempo em busca de informações, mas ao mesmo tempo, pode-se dizer que, apesar de tanta informação, o sujeito pode não ser afetado, nem tocado, nada lhe ocorreu, lhe sucedeu, apesar de tudo que lhe foi informado.

Ao longo de meu movimento como pesquisadora em busca das narrativas de jovens moradores de rua, a noção de experiência estava subentendida em seus discursos. Não se constata que eles designam vínculos temporais na constituição de suas identidades, mas utilizam a experiência como uma ferramenta que nomeia suas classificações sobre si. Muitas

vezes os jovens não sabem há quanto tempo estão vivendo nas ruas, pois seus movimentos são demarcados pelas passagens esporádicas e eventuais em suas casas ou em instituições de acolhimento. Seus discursos apontam que o emaranhado de experiências vividas nas ruas e as informações sobre as formas de viver e sobreviver nas ruas são demarcadoras de suas classificações sobre ser um jovem morador de rua. A experiência é irrepetível, sempre há algo como a primeira vez, conforme assinala Bondia (2002). É um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal, “um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria finitude” (BONDIA, 2002, p. 27). Por ser a experiência algo que nos acontece, duas pessoas, ainda que experimentem o mesmo acontecimento, não possuem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é, para cada indivíduo, única. O autor compreende que o saber da experiência possui uma qualidade existencial e emana as apropriações de nossa própria vida, dessa forma, “o saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece” (p. 27). Portanto, é um saber adquirido em virtude do modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida, assim como do modo como vamos dando sentido aos acontecimentos vividos.

Posto isso, considero que a compreensão do que é ser um jovem morador de rua está associada aos conceitos de nomadismo e experiência, assim, ultrapassam-se os limites da delimitação etária e de tempo, que diminuem a complexidade das trajetórias nas ruas. Os jovens estão em trânsito pelos lugares e pelos sentimentos, assim, estão redefinindo as ocupações espaciais, transpondo territórios afetivos e reconstruindo os itinerários que demarcam as suas histórias de vida na rua. Suas experiências são marcadas por práticas nas quais a violência os coloca como protagonistas, conforme alardeia o senso comum, mas também como vítimas da desigualdade e exclusão social. A polifonia das ruas não toca

apenas os sons da violência, mas também das redes que produzem pertencimentos e envolvimento afetivos capazes de tornar a vida na rua suportável. E é através da constituição de redes afetivas que proponho uma compreensão sobre a população moradora de rua, com destaque aos jovens que são costumeiramente mais estigmatizados pelos seus modos de vida. Percebo que a constituição das redes de afetividade produz as marcas que designam as experiências juvenis nas ruas, como também as práticas e sentimentos vividos.

Compreendido como uma interpretação dos indivíduos sobre aquilo que os afeta moralmente e que modifica as suas relações sociais, as emoções expressadas pelos jovens moradores de rua possibilitam o entendimento de suas vinculações e desvinculações com os lugares, as pessoas, os tempos, os sentimentos. A afetividade, para Le Breton (2009), mistura os acontecimentos significativos da vida pessoal com a vida coletiva, possibilitando, assim, feixes de emoções que são produzidos pelas vivências que confrontam determinados valores com o mundo. As emoções são resultantes de processos sociais que apresentam variações ao longo do tempo e em diferentes lugares, podendo ter seus rituais e suas performances semelhantes ou diversificadas no que diz respeito às questões de gerações e de gêneros. No entanto, é possível perceber como as emoções e suas práticas e manifestações são também elementos sociais e estruturantes da forma como as pessoas interagem e consolidam as relações sociais.

Portanto, é importante perceber como são construídas as afetividades juvenis e de que forma elas sustentam as relações estabelecidas pelos jovens nos diversos ciclos de suas trajetórias de vida. A construção dos “círculos de afetos”, como designa Pais (2012), possibilita a análise e a produção das afetividades como uma forma de compreender as redes sociais e os relacionamentos dos jovens. Ao fazer uso desse método, o autor compreende que as composições, bifurcações e variações estão articuladas com a trajetória de vida dos jovens. Segundo ele, os jovens sentem necessidades de vinculações afetivas que mobilizam sentimen-

tos de sustento emotivo, possibilitando, assim, o desenvolvimento de sentimentos de confiança sobre a vida. Dessa forma, o autor destaca que:

Quer isto dizer que os vínculos relacionais que revelam do círculo de afectos se constroem na base de uma colonização feita através de fragmentos de outros. Os jovens possuem um acervo de conhecimento resultante de experiências imediatas e de experiências transmitidas. Todas essas experiências se constituem num referencial de explicação do seu mundo de vida. Por um lado, no círculo de afectos articulam-se composições, variações e bifurcações que reflectem as trajetórias de vida dos jovens representados no centro desse círculo. Por outro lado, o capital social que circula no mapa de afectos juvenis não gera apenas reprodução social, ele próprio é produtor de relações sociais. O círculo das relações pessoais não é de todo modo estático (PAIS, 2012, p. 150).

Percebo que essa compreensão é importante para o entendimento de que esse grupo de jovens possui outras formas de sociabilidades que não são apenas as marcadas por situações de violência. Situados em contextos precários relativos às formas de segurança, moradia, higienização, alimentação, a rua também é produtora de outras formas de interações diferentes das que recebem o título da precariedade. Estar nas ruas é viver sob o signo da provisoriedade: as pessoas passam, os lugares mudam, os tempos se transfiguram. Mas, mesmo em meio à instabilidade das relações estabelecidas, percebe-se que nos discursos dos jovens existe a crença na longevidade e intensidade das relações que marcam um período vivido nas ruas.

E foi sob o signo da (in)finitude que Cibele e Pedra viveram a sua história de amor. Ela estava perto de completar 18 anos de idade. Ele já tinha atingido a maioridade e, com isso, as possibilidades de vinculação às políticas de atendimento tinham diminuído bastante. Os educadores sociais de rua conheciam o casal há muitos anos e continuavam orientando-os e ajudando-os nos encaminhamentos possíveis e necessários. Os dois viviam nas ruas desde a infância, já não lembravam mais desde quando estavam por lá e a convivência familiar era rara. Cibele não soube me dizer quando en-

controu com a mãe pela última vez. A família da menina era muito extensa, formada por irmãos de outras relações que a mãe teve, conforme me informaram os educadores sociais, e viviam em uma região da periferia de Fortaleza demarcada por uma situação de extrema pobreza. Cibele não sabia quem era o seu pai, pois nunca conviveu com ele. Pedra (que recebeu esse apelido por uma referência a pedra de crack) tinha um irmão que também morava na rua, mas ele não “se dava” com o irmão e os garotos não viviam na mesma região da cidade. Assim como a família da namorada, Pedra tinha outros irmãos, não conhecia o pai e não via a mãe desde que ela o enviou para um abrigo ainda na sua infância. Esse casal, em especial, era um desafio para os educadores, pois eles estavam com os laços familiares rompidos há muito tempo e a estratégia era “reduzir os danos” da vida na rua do casal, principalmente porque, naquele momento, elas já eram “adultas” e não tinham mais o suporte das inúmeras políticas destinadas ao público infanto-juvenil.

Pedra me falou que sempre “se revoltou” muito, que já tinha feito “muito besteira”, mas que agora estava na hora de parar. Cibele tinha dois filhos com Pedra. As crianças estavam em um abrigo e nunca conviveram com os pais na rua. Cibele disse que, assim que teve os filhos, entregou-os para os educadores sociais levarem para um lugar mais seguro do que a rua. Durante as vezes que esteve grávida, a menina me falou que consumia muitas drogas, fazia os programas sexuais e não pensava em “sair dessa vida”. Pedra estava com a vida em risco, jurada de morte por “inimigos da rua” e o casal estava, de uma certa forma, fugindo de um possível acerto de contas. Devido o longo de tempo de vida nas ruas, eles começavam a apresentar o discurso da “maturidade” ou do “cansaço”. O casal alugou um quarto pequeno no centro da cidade, mais precisamente em uma comunidade que servia de abrigo para muitas crianças e jovens que passavam o dia perambulando pelas ruas do centro e à noite tinham o quarto como um “refúgio”, assim

como um lugar mais seguro para dormir⁸.

Cibele estava, nessa época, bastante debilitada por causa da tuberculose. Encontrei a menina deitada em uma cama e com muita dificuldade para levantar e falar. Pedra estava ao lado de “sua mulher”, esboçava um semblante triste e preocupado, bem diferente de quando conheci o jovem, que, assim como Cibele, era muito agitado e falante. Os educadores levaram remédios para a jovem e ficamos pouco tempo no quarto do casal. Pedra fez um desafo para um dos educadores, que compartilhou comigo e com o grupo que fez a visita. A menina disse que se Cibele morresse, ele também morreria. Anúncio esse concretizado sem demora. Eu soube da morte de Cibele pelos educadores sociais e, pouco tempo depois, Pedra, que também estava com tuberculose, saiu do quarto alugado e ninguém teve mais notícia do jovem. Não se sabe se ele deixou-se morrer consumido pela doença, pela pedra – o crack, a mesma droga que designava a forma como o garoto era conhecido – ou pela dor da morte da amada, conforme anunciara.

Para Luhmann (1991) o amor é compreendido como um meio de comunicação simbolicamente generalizado que é responsável por possibilitar as relações de intimidade entre os indivíduos. As qualidades necessárias para amar e ser amado podem ser trivializadas e dependentes de casos históricos e biográficos, como discorre o autor. O amor também proporciona a “intimidade sexualmente fundada”,

⁸ Essa comunidade é bastante conhecida não só pelo tráfico de drogas e pela exploração sexual infanto-juvenil e prostituição, como também por ser um lugar onde muitos jovens alugam quartos pequenos ou casas para usarem no consumo e tráfico de drogas. Certa vez, fui com os educadores sociais em uma abordagem e percebemos que há um tipo de esquema organizado por alguns comerciantes que alugam esses pequenos quartos para grupos de crianças e jovens moradores de rua por 10 reais a diária. Eles geralmente usam à noite para dormir. Visitei três quartos alugados pelos jovens. Em um deles, havia cinco crianças cuidando de um bebê de colo para uma adolescente que tinha “dado uma saída”. Na ocasião, as crianças estavam todas ao redor do bebê, sobre uma cama de casal, cuidando e brincando com ele, assim como estavam todas consumindo cola de sapateiro. Essa foi uma das imagens mais fortes que presenciei na realização da pesquisa de campo com a população jovem moradora de rua: crianças descuidadas cuidando de outras crianças.

na medida em que valoriza o “estar a dois” ou “estar a sós”, em tempo onde a sociedade moderna vive o paradoxo entre o aumento das relações impessoais e a intensificação de relações pessoais como uma fuga do anonimato e da invisibilidade. Para o autor, os indivíduos não estão fixos a um único lugar social; eles se movimentam, ocupam diferentes posições, possuem atuações diversas nos subsistemas sociais e, dessa forma, ampliam as diversas combinações que compõem suas características individuais. Nas sociedades complexas, há uma relação estreita entre a multiplicidade de relações anônimas e a intensidade das relações íntimas e pessoais, o que Luhmann (1991) define como o cenário propício para o amor moderno se desenvolver como um código de comunicação que media as relações entre duas pessoas, aproximando-as por manipular seus mundos a partir de significados comuns.

A comunicação amorosa não acontece exclusivamente através de expressões discursivas. Além dos diálogos e narrativas afetivas, a comunicação íntima entre duas pessoas acontece através de troca de olhares, do contato corporal e vivências compartilhadas. O código amoroso, segundo Luhmann (1991), é resultado de uma “diferenciação funcional” que historicamente localizou a paixão como um *medium* de comunicação especializado. Assim, como os outros subsistemas da sociedade (legal-ilegal, verdadeiro-falso, real-imaginário), o subsistema da comunicação íntima é regulado pelo código binário: pessoal-impessoal. Portanto, essa interação entre os indivíduos define as fronteiras simbólicas que separam e diferenciam os amantes dos demais. Quando se comunicam intimamente, eles constroem simbologias próprias e específicas, porém, distintas das impessoalidades e anonimatos que circundam as relações sociais do mundo moderno. Para Luhmann (1991), o código do amor é percebido pelos amantes como algo necessário, mas não provocado, fruto da aceitação de uma inevitabilidade.

No caso dos jovens, Pais (2012) assinala que suas geografias sentimentais são extremamente acidentadas, do mesmo modo que o autor percebe que as experiências afetivas e

sexuais situam-se coadunadas às suas trajetórias de vida.

A intimidade aparece como um casulo de onde brotam afectos, instintos e desejos que se projectam nos demais. Por outro lado, os roteiros biográficos dos jovens mostram-se que as experiências sexuais e amorosas estão em confluência com as chamadas “orientações íntimas” de cunho afectivo. Porém, essa intimidade não se encontra separada das configurações de natureza relacional que levam os jovens a gerir os seus afectos em determinado sentido. É no centro do círculo dos afectos que os jovens se posicionam. Pais (2012, p. 151)

Portanto, as experiências sexuais e amorosas vividas postulam reinvenções na tentativa de construir relações afetivas igualitárias e livres, bem como da desconstrução de que eles não compreendem os seus desejos e estabelecem relacionamentos irresponsáveis, instáveis e impulsivos. Os jovens com experiência de moradia de rua, ao nomadizarem seus percursos, experiências, etiquetas, afetos e desejos, sinalizam esse trânsito sentimental que circunda as trajetórias das culturas juvenis da contemporaneidade. Seus movimentos incessantes, em trajetos que não visam um começo, um meio e um fim, são permeados por uma modalidade não convencional de vinculação, de fixação, de pertencimento, mas que é permanentemente tecida por fios de afetos, seja através de expressões de alegria, de dor, de frustração, de perda, de medo, de prazer, de solidariedade, de cumplicidade, de saudade, de amor e ódio, portanto, dando um uso polifônico e caleidoscópico de sentimentos à vida na rua.

4 ALGUNS COMENTÁRIOS FINAIS

Jovens com experiência de moradia de rua são narradores de histórias e trajetos que desenham uma paisagem afetiva peculiar da cidade. Seus percursos, conforme sinalizo em passagens recorrentes desse estudo, são demarcados por ambivalências e ambiguidades. Para muitos, a percepção de que eles tecem fios de afetividade e amorosidade por si só representa uma contradição. De modo geral, a compre-

ensão desse grupo social costuma acontecer a partir de trajetórias marcadas por situações de violência nas quais estão inseridos. Afasto-me da centralidade da violência pura ao narrar modos de vida nas ruas, apenas faço a opção analítica de situá-los a partir da tessitura de laços de afetividades que, a meu ver, produz possibilidades de fixação à rua e sinalizam expressões de culturas juvenis que demarcam as experiências contemporâneas de sociabilidades desses grupos sociais, especialmente com relação às trajetórias afetivas e sexuais.

A rua possui uma paisagem de sentimentos que consolida formas de construção de significados às trajetórias de vida dos jovens. Esses circulam seus corpos em percursos não estabelecidos por trajetos com começo, meio e fim, mas sim através da experiência que o ato de movimentar-se desencadeia. Contudo, esse grupo juvenil nomadiza o fluxo da vida cotidiana, suas etiquetas e emoções em um movimento desordenado que produz uma temporalidade desalinhada, resultante de experiências singulares e transgressoras que invertem padrões normatizados e normatizadores da vida social. O nomadismo desses jovens também está traduzido em suas vivências afetivas e sexuais, em virtude de adotarem práticas e percepções alinhadas às diversidades e pluralidades de compreensão das experiências relativas à sexualidade e às afetividades nos dias atuais. Todavia, essas dimensões imbricadas designam modos de vida, assim como indicam formas de fixação e sobrevivência, preservando os espaços públicos como lugares de experimentação da vida íntima.

Sobre a forma como atribuem significados às emoções desencadeadas em suas trajetórias amorosas, os jovens que vivem nas ruas sinalizam questões que dialogam com elementos demarcadores dos relacionamentos afetivos e sexuais na contemporaneidade. Amores são vividos de formas “fluidas”, “contingentes”, “erotizadas” e “romantizadas”, nem mais nem menos excêntricas do que as experiências vivenciadas por indivíduos que não moram nas ruas. Em diversas situações, observei que o “amor romântico” situa-se como o ideal de amor a ser experimentado pelos jovens e,

diante disso, destaquei as histórias nas quais esse tipo específico de configuração amorosa foi ressaltado nos discursos e nos comportamentos observados em campo. O amor veste-se de um signo impulsionador das relações sociais que estabelece códigos de comunicação mediadores e manipuladores de significados comuns aos indivíduos envolvidos em uma relação amorosa. Sendo assim, apaixonar-se ou namorar alguém que também estabelece a rua como uma referência de moradia torna, desse modo, a permanência nesses lugares mais atraente e interessante do que ficar longe dela. Nesse sentido, entendo que os afetos de rua são emblemáticos dos modos de filiação e vinculação às ruas, outorgando significados afetivos que recorrentemente são imperceptíveis aos olhares estrangeiros, indiferentes e desatentos daqueles que não conseguem perceber as singularidades inquietantes de corpos que perambulam pela cidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. **Cenas juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994.
- AMADO, J. **Capitães de areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BENJAMIN, W. **O narrador**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: 34, 1997. v. 5
- DELUMEAU, J. **A história do medo no ocidente (1300 – 1800)**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- LE BRETON, D. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LUHMANN, N. **O amor como paixão: para a codificação da intimidade**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29 jun. 2002.
- MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- PAIS, J. M. **Sexualidade e afectos juvenis**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

RIO, J. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das letras: 2008.

SCOTT, J. Experiência. In: SILVA, A. (Org.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Mulheres, 1999.

SENNETT, R. **Carne e pedra**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

TOSTA, T. L. D. Memórias das ruas, memórias da exclusão. In: _____. BURSZTYN, M. **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.